



## **PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS) FORMADORES: AUTONARRATIVAS DE MASCULINIDADES NÃO-HEGEMÔNICAS DENTRO E FORA DO CIS-TEMA**

BENITEZ, Luciano Anchieta Benitez<sup>1</sup>. OLIVEIRA, Valeska Fortes de<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Mestrando em Educação (Universidade Federal de Santa Maria), [luciano.a.benitez@ufsm.br](mailto:luciano.a.benitez@ufsm.br)

<sup>2</sup>Orientadora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSM).

### **RESUMO:**

Este trabalho trata da formação docente em Psicologia, com ênfase na abordagem de temas relacionados à gênero e diversidade sexual. A questão norteadora é como as vivências não-normativas de pessoas de gênero não-conformista nos convocam a repensarmos a formação de psicólogos e de professores. As questões de pesquisa são a Formação do Psicólogo e a Formação de Professores, discutidas através de autorrelatos de professores de Psicologia transmasculinos, de diversos estados brasileiros, sobre seus processos formativos iniciais e continuados. Propõe-se trazer à discussão a forma como esses docentes percebem sua formação como Psicólogos e como Professores. Trata-se de pesquisa realizada com o método (auto) biográfico, que possibilita que os sujeitos envolvidos produzam subjetividades e intervenham nas realidades onde estão inseridos. A cartografia é utilizada como ferramenta metodológica por se apresentar como um instrumento eficaz para o estudo de objetos que demandam do pesquisador a ocupação de diferentes territórios. Apresenta-se como um método de análise crítica, de ação política, ética e estética, na medida que percorre e descreve as trajetórias de formações rizomáticas e a composição dos dispositivos. O presente artigo apresenta a proposta e alguns encaminhamentos da pesquisa que está em andamento, com previsão de conclusão no fim do primeiro semestre de 2021.

**Palavras-chave:** Formação Docente. Gênero e Educação. Transmasculinidades.



## **POR QUE FALAR SOBRE TRANSMASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR?**

As questões levantadas, como espectro da formação em Psicologia, configuram uma reflexão no sentido do enlaçamento entre Cuidado e Formação, entendidos como intrinsecamente relacionados. A proposta de trabalho apresentada segue o sentido de Formação dado por Nóvoa (1988, p.116), quando afirma que “ninguém forma ninguém, a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão”.

Desta questão dobram-se outras. As questões são tratadas como dobras, e não como desdobramentos, por uma questão simples e forte: A produção de efeitos e de afetos e o trabalho (auto) formativo docente como uma dobra sobre si mesmo. O “pouco” que se fala sobre transmasculinidades na educação superior pode ser o muito dos efeitos desses silêncios. É inevitável uma dobra sobre as maneiras que as questões de identidade de gênero afetam a formação do psicólogo. E dessa dobra, outra: Como reverbera, na formação docente, a (des) construção das masculinidades frente ao reconhecimento de um corpo transmasculino?

Este trabalho é uma tentativa de responder às inquietações sobre a formação docente em psicologia, com ênfase na abordagem de temas relacionados à gênero e diversidade sexual. Mais especificamente, a questão norteadora é como as vivências não-normativas de pessoas de gêneros não-conformistas nos convocam a repensarmos a formação de psicólogos e de professores. Com a utilização do método narrativo e (auto) biográfico, propõe-se trazer à discussão como docentes dos cursos superiores de graduação em Psicologia, autoidentificados como transmasculinos, percebem sua formação como psicólogos e como professores. Um dos objetivos é identificar as representações imaginárias desses professores de Psicologia sobre si mesmos em espaços educacionais, bem como sobre o imaginário instituído acerca da Formação do Psicólogo em contextos educacionais.

A discussão sobre transmasculinidades promove a reflexão sobre os paradigmas da Educação, da Formação e da própria Psicologia, a partir da representatividade e visibilidade de corpos não-hegemônicos ocupando espaços de saber-poder. Frente a esse panorama constitutivo da formação, é necessário que se discuta sobre as formas de criar uma práxis crítica, ética, estética e política.



## DA TRAVESSIA PRÉ/TRANS/PÓS-PANDÊMICA: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Minha prática intelectual pode ser definida como uma viagem incessante ou, de preferência, como um movimento sem fim entre uma margem e outra. É o que chamo de “travessia”. Ela exige que a pessoa deixe o conforto do que já sabe e se exponha conscientemente ao que ameaça desestabilizar suas próprias certezas.

(MBEMBE, 2020)

A viagem a que Mbembe se refere é semelhante à de muitos pesquisadores. Estamos, todos, em travessia, indo de uma margem a outra de um rio quase sempre turbulento e desconhecido. O que esta pesquisa se propõe a realizar é, de toda sorte, uma travessia pelo (des)conhecido e pelo (re)conhecido. Para que esta travessia seja mais segura, profícua e consistente, nos cercamos de procedimentos e métodos. Método tem origem etimológica nas palavras *metá* (objetivo) e *hódus* (caminho), ou seja, um caminho determinado por metas. No desenvolvimento da pesquisa proposta neste projeto será utilizado como recurso a cartografia, a fim de compreender as interfaces possíveis entre gênero e educação, pois “a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódus* em *hódus-metá*” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10). Em outras palavras, é um caminho (*hódus*) que determina os objetivos (*metá*), com caráter de pesquisa-intervenção, pois pesquisar é intervir na realidade, não apenas representá-la. É um método experimentado como atitude de pesquisa, com a implicação do pesquisador inserido nos territórios da pesquisa, pois pesquisador, pesquisados e campo são afetados pela pesquisa. Mais que uma metodologia, é uma pragmática de pesquisa.

Conforme aponta Ferraroti (2010), narrativas biográficas prestam-se suficientemente para legitimar uma pesquisa. O autor, entretanto, aponta para a necessidade de revisão metodológica. O método em questão surge como um contraponto às metodologias positivistas, criticadas por configurarem-se demasiadamente objetivas. Assim, surge a partir da crise dos métodos heurísticos da Sociologia. Além disso, é compreendido como uma metodologia que apresenta uma resposta à necessidade de compreensão concreta da vida cotidiana, incluindo contradições e dificuldades.



A cartografia é apresentada por Deleuze e Guatarri (1995) como um dos fundamentos do rizoma, termo apropriado da botânica que denota postura ético-estético-política para dar conta da compreensão das produções sociais. Um rizoma é aberto à experimentação, ultrapassado por outros rizomas, que se cruzam como linhas fluídas. A cartografia, assim, é uma tentativa de mapeamento das linhas que constituem os acontecimentos. Através da exploração dos territórios existenciais, a cartografia acompanha os processos de produção subjetiva e cria mapas móveis das “paisagens psicossociais” (ROLNIK, 1989). Trata-se de um instrumento metodológico eficaz para o estudo de objetos que demandam do pesquisador a ocupação de diferentes territórios, no sentido de intervir, transformar para conhecer das pesquisas-intervenção. Nesse tipo de pesquisa, sujeito e objeto estão envolvidos na mesma experiência, o conhecimento é compreendido como criação e a pesquisa como intervenção (ROMAGNOLI, 2009).

O método cartográfico tem uma raiz na cartografia tradicional, relacionada aos conhecimentos a geografia. As especificidades de realizar demarcações, topografia, mapeamento de territórios, demografia são ressignificados no método de pesquisa, em especial em ciências humanas. Segundo Fonseca e Kirst (2003, p. 92),

O termo “cartografia” utiliza especificidades da geografia para criar relações de diferença entre “territórios” e dar conta de um “espaço”. Assim, “Cartografia” é um termo que faz referência à ideia de “mapa”, contrapondo à topologia quantitativa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa, uma outra de cunho dinâmico, que procura capturar intensidades, ou seja, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorrias no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado.

Nesse sentido, através da cartografia social, que está relacionada aos campos das ciências sociais e humanas, aborda os movimentos, relações de poder, resistências e enfrentamentos, jogos de verdade e processos de subjetivação. Apresenta-se como um método de análise crítica, de ação política, ética e estética, na medida que percorre e descreve as trajetórias de formações rizomáticas e a composição dos dispositivos.

Em uma pesquisa de cunho (auto) biográfico estão implicados dois tipos de materiais: os primários, que consistem nas narrativas (auto) biográficas colhidas pelo pesquisador, através de entrevistas; e os materiais secundários, que podem ser correspondências, documentos diversos, fotografias, vídeos ou qualquer outro material que apresente dados ao



pesquisador. Houve, historicamente, uma predileção pelos materiais secundários, dada sua materialidade e objetividade maior. A escolha do método nesta pesquisa prima pelos materiais primários, indo ao encontro do que afirma Ferrarotti (2010, p. 43):

Devemos voltar a trazer ao coração do método biográfico os **materiais primários** e sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza do material biográfico primário que nos interessa, mas também, sobretudo, a sua **pregnância subjetiva** no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e **recíproca** entre o narrador e o observador. (grifos do autor).

Esta concepção de autorrelato possui uma profícua caracterização como instrumento de pesquisa para a análise da formação de professores, visto que as narrativas individuais podem apresentar as configurações do que ocorre socialmente. Lendo uma biografia, lê-se uma sociedade, pois cada experiência vivida individualmente é uma representação de uma relação social. O pesquisador coloca-se como interlocutor real, mesmo que ocupe um lugar ilusório de neutralidade. Mesmo quando se trata de um monólogo, há uma tentativa de comunicação, onde o interlocutor é suposto (FERRAROTTI, 2010, p. 45).

Nesse sentido, Josso (2010, p. 43) afirma que “a narrativa de formação, por nos obrigar a um balanço contábil do que fizemos nos dias, meses e anos relatados, permite-nos tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância dos nossos desejos”. A pesquisa caracteriza-se por ser do tipo pesquisa-formação, considerando que as narrativas dos sujeitos envolvidos resultam em um processo de formação. Esse tipo de pesquisa, segundo Josso (2010), aproxima o pesquisador-formador forma-se e transforma-se durante a ação da pesquisa. Nessa perspectiva de pesquisa está contemplada a dimensão formativa. A produção de conhecimento, portanto, produz sentidos aos autores das narrativas, inscrevendo-os subjetivamente.

Nessa travessia de caminhos mapeados por afetos, o método (auto) biográfico é um suporte fundamental, pois promove o desenvolvimento de capacidades de análise e tomada de decisão, habilidades de comunicação e enfrentamento de situações adversas, por estimular o autoconhecimento. Estimulam o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, pois ultrapassam o relato de fatos, fomentando maneiras criativas de perceber suas práticas. Oferecem uma gama de elementos de interesse da educação, no sentido de compor uma análise com ênfase nas histórias de vida e profissionais dos educadores (REIS, 2012). Com o



método biográfico teceremos os fios da trama narrativa que amarrará a teia de sentidos dessas existências singulares.

A pesquisa está dividida em três momentos, denominados de “pré-pandêmico”, “trans-pandêmico” e “pós-pandêmico”. Os títulos foram escolhidos devido ao período em que a pesquisa se delineou, no segundo semestre de 2019 e primeiro e segundo semestres de 2020, em meio à pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). No primeiro momento foi realizada, entre novembro de 2019 e julho de 2020, a delimitação das temáticas e a pesquisa bibliográfica, com ênfase na teoria do imaginário social castoriadiano e na ética spinozana. O segundo momento, iniciado em junho de 2020, compreende a busca ativa por participantes e os primeiros contatos e produção de narrativas, através de entrevistas norteadas por um roteiro (auto) biográfico. Por fim, o terceiro momento será realizado no primeiro semestre de 2021 até a conclusão da produção das narrativas, análise e organização do material produzido e conclusão do trabalho de pesquisa.

## **AOS BONS ENCONTROS DO FAZER(-SE) DOCENTE: AUTONARRATIVA, FORMAÇÃO E AFETIVIDADE**

Os afetos têm uma função fundamental na teoria do filósofo holandês Baruch Spinoza (1632 – 1677). Será através dos afetos que uma perspectiva filosófica epistemológica passa de teórica para prática. Dessa forma, o conhecimento somente será possível através dos afetos (MARTINS, 2008). Os corpos são afetados de diversas maneiras e de maneiras muito particulares. O que afeta um corpo, afeta-o de maneira muito singular, mesmo quando as ideias sobre essas experiências possam ser compartilhadas e compreendidas coletivamente. Dessa forma, Spinoza (2009, p. 163) afirma que “por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”.

As afecções são as modificações que um corpo sofre no encontro com outros corpos e somente pode ocorrer se existir encontro entre esses corpos. Em Spinoza (2009), são identificadas três afecções primárias: Alegria, Tristeza e Desejo. Todas as demais afecções são desdobramentos destas. Eventos ou experiências podem causar, aleatoriamente, uma dessas três afecções. O afeto é a alteração da potência de ação, isto é, a variação do *conatus*.



Por *conatus*, Spinoza entende a essência de todos os corpos. Pode ser entendida como uma pulsão, uma força que movimenta o ser para existir e sem a qual a existência é impossível. Trata-se da força que todos os corpos possuem para continuar sendo o que são, reafirmando suas existências e estabelecendo novas relações. A afetividade humana, então, é uma manifestação individualizada da potência da natureza.

Esta pesquisa tem como objetivo trazer contribuições sobre a temas relacionados à diversidade sexual e educação, a partir de histórias de vida de professores de psicologia de diversos estados brasileiros que se identificam como transexuais masculinos. A construção de narrativas de vida é impossível descontextualizada dos acontecimentos sociais. Não havia possibilidade de pensar na produção deste trabalho apartado da pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). Contaminação, isolamento e distanciamento passaram a fazer parte das nossas vidas e projetaram novos modos de existir. A pandemia desnuda nossas fragilidades e escancara nossas mazelas seculares e estruturais. Um vírus letal e desconhecido denuncia outros tantos vírus, simbolicamente construídos, tão letais quanto (ou mais?), mas nem tão desconhecidos. Butler (2020, p. 60) reafirma essa denúncia do fracasso do capitalismo e consequente fracasso da sociedade frente a uma pandemia:

Todos dão testemunho da rapidez com que a desigualdade radical, que inclui o nacionalismo, a supremacia branca, a violência contra as mulheres, pessoas queer e trans, e a exploração capitalista encontram formas de reproduzir e fortalecer seus poderes dentro das zonas pandêmicas. (tradução nossa)

A pandemia reflete-se no asseveramento de violências já existentes, exigindo um reposicionamento político e ético. Assim, a noção de quarentena dentro da quarentena, levantada por Boaventura de Souza Santos produz um sentido ainda maior neste contexto de lançar o olhar sobre questões de gênero na educação.

A construção do texto final da pesquisa será dividida em três seções ou três momentos, denominados de “pré-pandêmico”, “trans-pandêmico” e “pós-pandêmico”. Os títulos foram escolhidos devido ao período em que a pesquisa se delineou, no segundo semestre de 2019 e primeiro e segundo semestres de 2020, em meio à pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19).

Dessa forma, a pandemia é trazida para a construção das narrativas como um dispositivo. O conceito de dispositivo remete à Ferry (2004) e está intrinsecamente



relacionada com a noção de formação. Considera-se a formação, nestes termos, teórica e prática, sobre a qual o autor propõe a ideia de alternância que funciona como um dispositivo para a relação entre esses âmbitos acontecer. Há uma ênfase na construção formativa articulada entre os campos teórico e prático, assumido de forma ativa por seu agente. Nesse sentido, trata-se de um processo autoformativo.

Ferry (2004) estabelece uma distinção entre ações de formação, dispositivos de formação e a formação propriamente dita. Esses movimentos de formação acontecem em todos os espaços, não somente em espaços formais (institucionais). Formação é um conceito amplo, experiencial, vivencial, que se volta sobre as trajetórias de vida, itinerários pessoais, modos de existir, identidades e percepções da realidade. O autor salienta a importância das histórias de vida e da (auto) biografia na formação de adultos como um movimento potente de voltar-se sobre si mesmo para construção de caminhos, tanto pessoais quanto profissionais.

Lugar, tempo e a relação com a realidade são condições essenciais para a formação acontecer, segundo Ferry (2004). A ideia de formação se estabelece nas condições favoráveis para a tomada de ações analíticas e investigativas, exigindo do sujeito um distanciamento do vivido. Nesse espaço criado que há a possibilidade de elaboração da experiência. A pandemia torna-se um dispositivo formativo porque reposiciona os sujeitos em suas narrativas e estabelece novos modos de interação com a realidade e reflexão sobre as práticas profissionais e pessoais. Independentemente da distância geográfica com os coautores da pesquisa, os contatos serão realizados todos virtualmente, através de redes sociais, videochamadas ou trocas de correspondências.

Na primeira etapa do trabalho, denominada “Pré-Pandêmica”, compreendida entre os meses de novembro de 2019 e julho de 2020, foi realizada a delimitação das temáticas, objetivos, metodologia e foi iniciada a pesquisa bibliográfica, com ênfase na teoria do imaginário social castoriadiano e na ética spinozana, além de teorias sobre gênero. Nessa fase da pesquisa ocorreu a aproximação com entidades representativas e coletivos da rede de apoio a docentes transexuais, com vistas ao aprofundamento das discussões sobre transmasculinidades. A escolha do contexto aconteceu de forma intencional, principalmente através das redes sociais das entidades e profissionais contatados.



A segunda etapa, denominada “Trans-Pandêmica”, foi iniciada em junho de 2020. Este momento compreende a busca ativa por participantes e os primeiros contatos e produção de narrativas, através de entrevistas norteadas por um roteiro (auto) biográfico. A busca por coautores da pesquisa ocorreu através de redes sociais das entidades identificadas, onde foi realizado o convite e solicitada a indicação de profissionais com perfil para a pesquisa. Nos meses de julho e agosto de 2020, entre ONGS, Coletivos, Associações, entidades sem fins lucrativos, organizações sociais de promoção de direitos de minorias e profissionais indicados, foram realizados cem contatos.

A busca pelos sujeitos coautores da pesquisa está sendo realizada através das redes de contatos dos transhomens docentes, através de coletivos e grupos organizados. Entre os meses de junho e agosto de 2020 foram contatados 105 (cento e cinco) entidades de apoio à população LGBT, Organizações não-governamentais - ONGs, coletivos sociais, instituições de ensino e profissionais da área da Saúde, Educação e militantes sociais. Do total de contatos realizados, 57 (cinquenta e sete) retornaram, indicando profissionais ou informando que não tinham conhecimento de sujeitos com o perfil procurado. Até o momento, dois transhomens atendiam ao critério de ser Psicólogo e Docente e aceitaram participar da pesquisa.

A partir do momento da identificação dos possíveis coautores da pesquisa, foi realizada a aproximação para apresentação da proposta da pesquisa. Foi realizado em julho de 2020 o primeiro contato com os participantes, através de redes sociais, aplicativos de comunicação e e-mail. Foi enviado o convite oficial, informações sobre a pesquisa, o Roteiro (auto) biográfico e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## **FIOS DE MEMÓRIAS: A TRAMA NARRATIVA DA TRAVESSIA PANDÊMICA**

O tema central da pesquisa é a possibilidade da formação de professores de Psicologia em cursos de Bacharelado em Psicologia, considerando que o enfoque da formação nos cursos regulares não é a prática docente. Ademais, de que forma é possível uma formação ética, estética e política em relação à diversidade sexual, em especial às discussões e visibilidades quanto às transmasculinidades, quando essas temáticas relativas à gênero são tratadas de forma secundária. Propõe-se lançar um olhar sobre a formação do Psicólogo estabelecida atualmente, a partir da visão de professores-psicólogos transmasculinos.



As narrativas, construídas ainda no lapso denominado “trans-pandêmico”, serão construídas com cada um dos participantes através de um roteiro de entrevista, estruturado em tópicos ou eixos para produção dos autorrelatos. O roteiro de entrevista está dividido em oito eixos. Cada eixo contempla um aspecto a ser abordado na construção do autorrelato.

O roteiro foi elaborado considerando um movimento na reconstrução cartográfica e (auto) biográfica dos sujeitos participantes. Parte-se do conceito “novo batismo”, no qual o participante escolhe um novo nome para ser utilizado na coautoria da pesquisa. A discussão sobre os batismos linguísticos remete às reflexões de John Langshaw Austin, sobre a capacidade de a linguagem criar realidades. Para esse autor, é necessário apontar que a linguagem não se resume a descrever a realidade, mas é uma de suas produtoras. No caso da linguagem científica, a tarefa de desvelamento dessa função é consideravelmente complexa, pois sua eficácia consiste na ideia da sua suposta capacidade em descrever dada realidade de forma neutra (BENTO, 2008, p. 208).

O caminho passa por elementos gerais da história de vida, formação acadêmica inicial, masculinidade e transmasculinidade, transgeneridade e cisgeneridade, elementos do imaginário de homem, professor e psicólogo, a realidade social com relação a gênero e transexualidade, alguns elementos das percepções desses sujeitos em seus ambientes de trabalho e na educação, em sentido amplo, sobre passabilidade, representatividade, LGBTfobia e resistência de corpos trans. Finalmente, o roteiro abre a possibilidade para emergirem os desejos, expectativas, sonhos e desejos desses homens trans sobre o futuro, sobre si mesmos e sobre as relações com pessoas cisgêneras.

O objetivo desse roteiro de entrevista é a construção de narrativas que futuramente poderão ser roteirizadas em uma produção audiovisual. Os eixos são relacionados entre si, mas constituídos de forma a serem desmembrados, possibilitando maior fluidez na produção dos relatos. Assim, cada participante poderá responder às questões de cada eixo na maneira que julgar melhor, independentemente de ordem e sem a necessidade de ser respondido em uma única entrevista.

Com esse formato de produção narrativa, abre-se a possibilidade de construção de autorrelatos em diferentes formatos, com diversos elementos, instrumentos e meios. Cada coautor será orientado/convidado a escolher a forma que é mais representativa de sua história de vida, como por exemplo: cartas, fotografias, músicas, audiovisuais, relato oral ou outras



linguagens que o participante entender que representa melhor seu pensamento sobre cada questão. O material produzido será coletado e arquivado para análise e discussão e poderá ser, sempre com a anuência e participação dos coautores, ser incluído no documento final.

Ao final do trabalho de análise e contextualização dos dados, propõe-se a produção de um documento que servirá como roteiro técnico para a realização de um audiovisual das experiências formativas dos professores, bem como do desenvolvimento da pesquisa. Esse roteiro cinematográfico com o processo de investigação e resultados apresentar-se-á como uma possibilidade de continuidade e aprofundamento da pesquisa, sendo também fonte de análises para futuros pesquisadores e registro da produção acadêmica.

Como tentativa de costurar esses interesses, em especial o de fazer com que essas vozes dissidentes ecoem e sejam ouvidas, o método (auto) biográfico apresenta-se como uma ferramenta importante. No contexto de inserção do olhar psicológico sobre a educação e sobre a formação, este recurso metodológico tem a capacidade abrir a possibilidade de aprofundamento sobre os temas pertinentes a uma formação abrangente e generalista, a fim de dar conta das demandas inerentes às práticas da psicologia. A potência da autobiografia de transhomens tem como proposta trazer uma provocação sobre como se constroem (e de desconstroem) contextos educacionais. Em última análise, as narrativas de professores transhomens carregam uma marca necessária para a compreensão sobre educação, em especial para pessoas cisgêneras. Desejo, então, conhecer e compreender o que esses psicólogos-professores tem a dizer sobre ser psicólogo, ser professor, ser homem, enfim, sobre Educação e sobre Formação.

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, J.. El capitalismo tiene sus limites. In. AMADEO, P. (org). **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias**. La Plata: ASPO, 2020.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, 1995. v. 1.



FERRAROTTI, F.. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal/São Paulo: UFRN/Paulus, 2010, pp. 31 - 57.

FERRY, G.. **Pedagogia de la formación**. 1 ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material didático, 2004.

FONSECA, T. M. G. & KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto alegre: UFRGS, 2003.

JOSSO, M.-C.. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. Natal: Edufrn, 2010.

MARTINS, A.. **O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche**. São Paulo: M. Fontes, 2008.

MBEMBE, A. Carta aos Alemães: vivendo nos mitos dos outros. **Goethe Institut**, São Paulo, mai. 2020. Disponível em <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/21864261.html>>. Acesso em 15 ago. 2020.

NÓVOA, A.. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4ª Ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

REIS, P. G. R. El potencial educativo e investigativo de las narrativas. In: NURIA, C. REIS, P. G. R. **Narrativas de profesores: reflexiones en torno al desarrollo personal y profesional**. Andalucía: Universidade Internacional de Andalucía, 2012, pp. 21-30.

ROLNIK, S.. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROMAGNOLI, R. C.. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-173, maio/ago. 2009.

SPINOZA, B.. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.